

DO CONFINAMENTO À LUTA PELA LIBERTAÇÃO NA ITÁLIA. OS PRESOS POLÍTICOS NO CAMPO DE ANGHIARI*

Giorgio Sacchetti

DE CONFINADOS A INTERNADOS

No dia seguinte à queda do fascismo o Ministério do Interior do governo Badoglio emana as disposições necessárias – Circ. Min. 27/07/1943 n.º. 46643 – para a concessão oficial da graça soberana aos antifascistas condenados pelo Tribunal Especial. A exata definição da categoria de pessoas destinadas ao benefício dessas instruções, porém, é remetida ao entendimento dos próprios dirigentes e funcionários ministeriais os quais, caso a caso, decidem pela soltura, ou, também, para ganhar tempo, enviam questionários mais ou menos pertinentes aos órgãos superiores, ou, ainda, pedidos de informação aos vários prefeitos de província. A mesma coisa se verifica para os presos confinados e internados. Chega-se ao ponto da total exclusão do processo de clemência de categorias particulares de antifascistas que, preponderantemente, são considerados “anti-italianos” como os eslavos e os anarquistas; os primeiros suspeitos de sustentarem o *irredentismo*, ou seja, apoiarem a resistência à ocupação italiana na ex-Iugoslávia (no sentido, portanto, da continuidade da política fascista de racismo anti-eslavo), os segundos tidos ainda perigosos “por motivos políticos” para o futuro do aparelho estatal italiano.

* Tradução de Carlo Romani do texto original em italiano. O presente ensaio foi publicado com o título de “Ventotene – Renicci D’Anghiari: Dal confino al campo di concentramento” em *Pagine Altotiberine*, Associazione Storica dell’Alta Valle del Tevere, San Giustino, ano XII, fascículo 34, jan/abr/2008, p. 41-64. Ele integra – com base em novas investigações documentais – as contribuições do mesmo autor apresentadas no congresso internacional de estudos “2.ª guerra mundial e extermínio de massa. Massacres e represálias na luta pela libertação”. (Arezzo, novembro de 1987) e na jornada de estudos sobre “O anti-fascismo revolucionário entre passado e presente” (Pisa, abril de 1992), respectivamente publicados em TOGNARINI, I. (org.) *Guerra di sterminio e resistenza. La provincia di Arezzo 1943-1944*, Edizioni Scientifiche Italiane, Napoles, 1990, p. 225-261; e em AA.VV., *Atti della giornata di studi sul’antifascismo rivoluzionario*. BFS, Pisa, 1993, p. 39 e ss. As novas investigações trazidas ao público baseiam-se em documentos sobre o campo de concentração de Renicci conservados como cópias junto ao Museo e Biblioteca della Resistenza di Sansepolcro (Arezzo) e provenientes em grande parte ou do ex-Instituto Histórico da Armada Iugoslava ou do Archivio Centrale dello Stato, série PS/Mobilização civil; a isso juntam-se depoimentos de ex-internos iugoslavos e o interessante volume de memória regional organizado pelo senador Giuseppe Bartolomei, testemunha ocular da “grande fuga” do campo de Renicci. Giorgio Sacchetti é professor colaborador das Universidades de Trieste e de Padova na cadeira de “História dos Partidos Políticos” e orienta doutorados de pesquisa em história do movimento sindical. Pesquisador da Fondazione Luigi Salvatorelli é membro de vários comitês científicos na Itália e em outros países. Concentrou seus estudos principalmente em dois terrenos: a história do trabalho e as culturas libertárias e subversivas do século XX, tendo diversas publicações em seu currículo.

Os sucessos de 25 de julho de 1943 (a queda de Mussolini) surpreenderam a maior parte dos anarquistas mais conhecidos detidos no confinamento político. Os grupos mais conspícuos se encontram nas ilhas Tremiti, em Pisticci, em Fraschette de Alatri (localidades onde, em geral, eles serão mantidos até 8 de setembro) e, sobretudo, em Ventotene. Aqui, a presença dos militantes libertários – estimada em cerca de 140 indivíduos segundo Altiero Spinelli, ele também confinado – é ligada frequentemente aos êxitos trágicos da guerra civil espanhola e à subsequente deportação forçada desde os campos de concentração franceses, em especial do famigerado Vernet d’Ariège. O diretor da colônia de Ventotene é Marcello Guida (que será nomeado comissário de polícia em Milão, no ano de 1969) “*que segundo Terracini tinha feito muita sujeira*”¹. Apesar das duras condições de vida em que estavam submetidos os confinados e por causa, também, do abastecimento irregular de água e víveres trazidos de terra firme, esses anarquistas gozavam de uma mínima “liberdade” para se reunirem nos famosos refeitórios coletivos, e conquistaram até, depois de longas lutas, o direito de recusarem a fazer a saudação fascista com o braço estendido. Em muitas dessas reuniões, desde algum tempo já se havia presenciado um clima bastante vivaz de expectativa devido à opinião difundida de que a guerra aceleraria a crise do regime. O diretório comunista de Ventotene (entre os quais Secchia, Scoccimarro, Di Vittorio, Cicalini e outros) tinha, por exemplo, votado um documento, na véspera de 25 de julho, segundo o qual se denunciava a “*função de desagregação e de obstáculo ao processo de unificação da parte dos maximalistas e dos anarquistas*”, e se convidava para a “*luta sem fronteiras contra os inimigos da unidade proletária, no PS [I] Modigliani e Tasca, no maximalismo os anti-soviéticos e anticomunistas, nos anarquistas os anticomunistas*”². Mas, também, da assembléia organizada pelos anarquistas, segundo grupo mais numeroso naquela ilha povoada por 800 confinados e eles também presentes através do seu “estado maior”, alguns meses antes tinha sido tirada uma resolução de conteúdos, ao mesmo tempo, polêmicos e programáticos:

Constatado que o comportamento colaboracionista dos vários reagrupamentos políticos proletários, desde a guerra de 1914-18 até o advento do fascismo, não tem conseguido responder aos interesses e desejos da massa trabalhadora e de todo o povo italiano;

Tendo em conta que o contraste dos companheiros no campo filosófico e ideológico do anarquismo ou naquele organizativo de massa determinava divisões com efeito danoso ao desenvolvimento dos conceitos anarquistas e impedia a formulação de um programa de luta e ação comum;

Considerando que com as experiências adquiridas nos últimos vinte anos o movimento anarquista deve recolher a adesão de todos os companheiros para criar um organismo coordenador homogêneo;

Convidamos todos os companheiros para se inscreverem nos sindicatos de ofício e de profissões para terem contato direto com as massas trabalhadoras, endereçando-as na luta verdadeiramente revolucionária para a conquista das reivindicações proletárias, propagando a ordem libertária para a constituição dos Conselhos de Fábrica, de Oficina e de Indústria, no

campo produtivo, dos Conselhos dos Municípios e das Províncias, naquele político, organismos que deverão regular e sustentar as necessidades das comunidades.³

O advento da ditadura militar de Badoglio e a sua notória proclamação aos italianos de que “a guerra continua”, com uma advertência direta à esquerda revolucionária de que “*qualquer um que se iluda em perturbar a ordem pública, será inexoravelmente atingido*”, criam uma espera angustiante entre os confinados. Quando Badoglio dispõem sobre a libertação dos confinados segue-se – como já vimos – um critério de prudente graduação, a tal ponto de excluir, no fim das contas, somente os escravos e os anarquistas tidos como mais “perigosos”.

Em 27 de julho o chefe de polícia Carmine Senise envia um despacho urgente a todos os diretores das colônias de confinamento: “*Solicito executar imediata soltura detidos conforme disposição da autoridade de Segurança Pública responsáveis por atividades políticas excluídas as referentes comunismo e anarquia*”⁴.

Os formulários de preenchimento do diretor Guida ao ministério, por mais que estivessem prontos, assumem um caráter deletério. O seu estilo é o do burocrata imutável, o sinal tangível da continuidade na administração do Estado que se qualifica pelo uso alternado dos critérios elásticos de flexibilização da norma e da procura do pelo em ovo. Em muitos momentos ele pede elucidações “*para Roma*” e tormenta seus superiores com zelosos quesitos, primeiro sobre o destino dos confinados “*nem comunistas nem anarquistas*”, depois perguntando se poderia decidir caso por caso quanto à soltura, na medida em que “*periculosidade indicação cor política atribuída não correspondem à verdadeira*”, e enfim solicitando uma resposta⁵. Os primeiros a deixarem Ventotene, após a compilação das diversas listas por grau de periculosidade política, são os “antifascistas democráticos” e aqueles pertencentes ao grupo *Giustizia e Libertà*. Trata-se de cerca de uma centena de confinados que, através de uma coleta feita inclusive entre aqueles que permanecerão detidos, conseguem juntar as seis mil e quinhentas liras necessárias para alugarem uma catraia em péssimas condições e alcançarem, com sorte, a costa⁶. Depois vêm os socialistas, e em 19 de agosto é a vez também de um primeiro escalão de comunistas. Neste caso, porém, não é o diretor Guida a compilar a lista dos que partem, mas são os próprios dirigentes do PCI seguindo um “*critério político*” e com base nas necessidades organizativas do partido, com a precedência absoluta para os quadros dirigentes⁷. Diversas circulares explicativas tinham, nesse mesmo tempo, recomendado às prefeituras régias e aos diretores dos confinamentos regularem-se quanto “*ao ritmo e a ordem de precedência nas solturas, em harmonia com a situação político-social existente no respectivo território*”, além do que excluía, sem

sombra de dúvida, desse benefício os “*indivíduos responsáveis por atividade anarquista e [sic] de espionagem*”⁸. Enfim, permanecem ainda na ilha de Ventotene cerca de 200 confinados políticos entre anarquistas e cidadãos italianos de origem eslovena ou croata. Esses últimos tinham apresentado em vão uma petição ao governo Badoglio para serem libertados⁹. Considerando intolerável essa injusta situação de palpável disparidade de tratamento, intervêm, entre outros, Sandro Pertini, Umberto Terracini, Altiero Spinelli, Vincenzo Baldazzi, fazendo pressão a favor da libertação indiscriminada de todos os *coatti* (nome dado aos presos confinados em ilhas). Em particular Pertini, na sua condição de ex-confinado, impetra em 20 de agosto junto ao “*Dino Roberto comunicador*” uma representação oficial nesse sentido ao ministro Umberto Ricci:

[...] Cerca de 70 confinados políticos – escreve o expoente socialista – não foram ainda libertados porque foram fichados pela polícia fascista como anarquistas. Ora tendo sido já dada por Vossa Excelência, o Chefe de Governo, a garantia publicada em todos os jornais, segundo a qual nenhuma discriminação política seria feita [...] deveriam eles também gozar da libertação com que já foram agraciados os outros.

O documento, depois de ter feito referência também à particular condição em que se encontravam os eslavos e também alguns albaneses e ex-milicianos espanhóis, conclui ratificando que a continuada presença desses confinados em Ventotene poderia dar início a graves incidentes, dada, também, a proximidade com que se encontravam as tropas alemãs desse mesmo lugar. No dia seguinte a direção geral da Segurança Pública comunica com um “Memorando” para o ministro que “*a liberação dos confinados anarquistas já foi disposta*”, enquanto para os outros estaria já prevista a transferência para o campo de concentração de Renicci. Mas o telegrama ministerial n.º. 50301 de 21 de agosto demorará três dias para alcançar a escrivania do doutor Guida em Ventotene. Este, na data de 24, zarpada a última catraia para a condução dos *coatti* que nesse instante já haviam chegado de trem em Anghiari, “tempestivamente” telegrafa a Roma: “*Disposições relativas liberação confinados e internados anarquistas não perigosos chegaram com grande atraso, portanto, não lhes foi possível saída desta sede*”.

Dessa forma, sugere à direção do campo de concentração de destinação dos confinados de examinar essa questão, e para tanto lhe envia inclusive os respectivos dossiês individuais dos presos¹⁰. Ao descaso se ajunta evidentemente a injustiça. Na realidade o ministério já tinha decidido desde o dia primeiro de agosto a destinação daqueles que haviam permanecido na ilha: “*Internados e confinados homens colônia Ventotene não compreendidos nos recentes procedimentos de clemência porque comunistas e anarquistas deverão ser transferidos campo de concentração Renicci di Anghiari [...]*”¹¹.

Até os comunistas se declaram escandalizados por tudo aquilo que aconteceu e propõe à Frente Nacional a formação de uma comissão de inquérito composta por juristas para a libertação dos 200 anarquistas e eslavos “*culpados de terem combatido o fascismo*”¹². Das páginas do ressurgido *Umanità Nova* estigmatiza-se o oportunismo do governo de Badoglio, que “*em primeiro lugar liberou das prisões e do confinamento os condenados democrata-cristãos, os liberais, socialistas, comunistas, dos dirigentes aos mais humildes agregados, excluindo de propósito os anarquistas*”, e protesta-se contra esses “*odiosos sistemas de perseguição de pensamento [que] vigoram ainda na Itália*”¹³.

[...] Coerentemente com os contatos tidos e com os encargos assumidos com os vários partidos da bancada parlamentar tradicional, – o escreveu Alfonso Failla, um dos internados¹⁴ – os anarquistas excluídos da libertação, frente ao progressivo avanço vindo do Sul dos exércitos anglo-americanos, foram, ao invés, transferidos para o campo de concentração de Renicci d’Anghiari, situado na província de Arezzo. [...] Embarcaram-nos por volta do dia 20 de agosto em uma corveta da Marinha Real sem apetrechos de salvamento para centenas de pessoas no caso de um possível ataque de submarino. Quando o navio saiu do portinho de Ventotene, antes de virar na direção de Gaeta, gritamos repetidamente a nossa saudação ao companheiro Gino Lucetti condenado à prisão perpétua na ilha de Santo Stefano [...]

Durante a transferência aventureira, já dentro do trem, não faltaram tentativas, na maior parte das vezes abortadas, de fuga, mas algumas obtiveram sucesso como foram os casos de Camillo Sartoris, de Turim, dos irmãos Ferruccio e Carlo Girolimetti de Senigaglia, do siciliano Giuseppe Giorlando – todos anarquistas – e do comunista de Trieste, Milan Tercon. Em Roma o comboio encontra-se sacudido por um alarme de bombardeamento. Nas paradas seguintes os prisioneiros improvisam comícios antifascistas. Em Arezzo – onde se verificou uma “*extensa e simpática compreensão solidária de centenas de pessoas que se encontravam naquela estação*” – houve quem, como Enrico Zambonini, de Reggio Emilia, se recusasse a prosseguir viagem para Anghiari permanecendo no cárcere de Arezzo até dezembro de 1943; posteriormente foi fuzilado no mês seguinte junto a outros partigianos que lutaram na resistência na Emília¹⁵.

O CAMPO

Em Renicci d’Anghiari, localidade do vale do rio Tibre na Toscana, encontrava-se um dos piores campos de concentração de toda a Itália, quer pelo número de internados, quer pelo comportamento mantido pelo pessoal de vigilância. Inicialmente destinado a acolher até nove mil prisioneiros de guerra, logo foi adequado para receber internados civis, mesmo que permanecendo sob a competência da administração militar¹⁶. No momento da chegada dos anarquistas e dos eslavos que estavam confinados em Ventotene, encontravam-se no campo 4.500 reclusos, todos eles prisioneiros “rebeldes” deportados da Iugoslávia (eslovenos,

montenegrinos, croatas) capturados nas operações de rastreamento, e muitas vezes acompanhados de toda a família. Ao todo são 500 os militares destinados à vigilância do campo. O regime de vida é bestial, segundo os testemunhos dos internados, mas também do capelão destinado à assistência religiosa externa, don Giuliano Giglioni, ao ponto desse sacerdote escrever em seu diário sobre os numerosos óbitos causados pelo frio, pela falta de higiene, fome, disenteria, e outras doenças: *“Os primeiros foram sepultados no cemitério paroquial, mas por causa de minha ação junto ao município de Anghiari foi reativado o velho cemitério”*. Alguns morreram, não obstante, o tardio envio aos hospitais de Castiglion Fiorentino, Anghiari, Subbiano e Sansepolcro. No fim das contas os mortos chegarão a cento e cinquenta e sete¹⁷. O campo, onde havia inclusive portadores de deficiências físicas, adolescentes e crianças – *“homens de 12 a 70 anos”* –, é dividido em três setores cada um composto de 12 barracões e separados com cercas metálicas que impediam a aproximação. As pessoas são divididas em 15 para cada tenda e em 250 em cada barracão, dormindo sobre um palheiro infestado de piolhos. As latrinas estão a céu aberto. Faltam vestimentas e cobertores. Ao redor de o todo o campo há três cordões de arame farpado com altura variável e com torres de vigilância de 4 metros de altura com vigilantes armados e faróis para a iluminação noturna. As patrulhas de guarda em seus turnos atrapalham continuamente o sono dos prisioneiros. De manhã cedo e sob qualquer condição meteorológica até os doentes são obrigados a presenciar durante horas as manobras do pelotão. Trata-se, enfim, de um verdadeiro “lager” – o *“campo n.º 97”* segundo a numeração assinalada pelas autoridades militares – funcionando desde fim de setembro/outubro de 1942 e constituído de um primeiro núcleo de barracões aos quais depois foi se ajuntando um enorme acampamento de prisioneiros de guerra. Durante o verão o problema era a falta de água potável e de inverno o frio noturno e a lama causada pelas chuvas. A alimentação era escassa, constituída de uma leve ração diária de *“alguma centena de gramas de pão e de pouca sopa, alternadas com cenoura ou batatas com casca e da água bombeada diretamente do rio Tibre”*; e frequentemente isso tudo estava apodrecido, como denuncia – em vão – a Cruz Vermelha em um relatório entregue ao Ministério do Interior. Ajudas humanitárias, mesmo que insuficientes, haviam chegado inclusive através da Pontifícia Obra de Assistência, sobretudo pelo interesse direto mantido pelo bispo de Ljubliana, na Eslovênia. Até a *“Delegação de assistência aos emigrados”* da União das Comunidades israelitas italianas tinha pedido autorização para poder intervir em socorro, fazendo referencia ao envio de dinheiro a dois confinados de religião hebraica. Enquanto isso – lamenta o delegado de polícia de Arezzo – *“da Venezia Giulia continuam mandando, e sempre em número mais relevante, pacotes*

*postais contendo alimentos*¹⁸”. A diplomacia vaticana fora ativada desde o fim do terrível inverno de 1942-43, primeiro junto ao competente Ministério da Guerra com o escopo de aliviar o sofrimento dos prisioneiros, depois com uma visita ao campo do núncio Mons. Borgoncini Duca que – anotou don Giglioni em seu diário – “*levou a todos os internados a saudação do Papa*” junto a santinhos e uma soma de cinquenta mil liras.

Vossa Excelência Reverendíssima Mons.bispo de Ljubliana comunicou em novembro passado à Santa Sé um memorial no qual expunha o infelicíssimo estado dos internados civis eslovenos transportados de Gonars para Renicci, naquele de Arezzo [...] Nos é dada também uma notícia consoladora de que alguns melhoramentos já foram introduzidos; infelizmente, porém, ainda há muito mais para ser melhorado e, diga-se, está sendo feito, mas pouco a pouco devido às dificuldades trazidas pelo presente estado de guerra. Concluindo, aqueles coitados ainda precisam de muita paciência para suportar os seus graves infortúnios e sofrimentos¹⁹.

A disciplina no campo – uma vez caído o fascismo – foi mantida pelos “badoglianos”, às vezes com o terror e recorrendo inclusive ao artifício das execuções fingidas. Portanto, sob o signo da continuidade. Nos barracões dos eslavos, no entanto, já se encontra em funcionamento uma estrutura clandestina do partido comunista – embrião real das formações militares futuras da Resistência – que já começava a manter os primeiros contatos esporádicos com os antifascistas sediados no alto vale do Tibre. Desde logo, já no momento da chegada à pequena estação de Anghiari no dia 23 de agosto os novos chegados puderam claramente perceber a terrível situação para a qual foram empurrados: centenas de soldados e carabineiros em estado de guerra, trazidos ao lugar para essa ocasião, se encarregavam sem nenhuma cerimônia de aperfeiçoar a operação de internamento dos antifascistas provindos de Ventotene. Iniciam os maus tratos e as perseguições pessoais.

No campo havia um alambrado separando os recém-chegados dos eslavos.

A população tinha uma simpatia instintiva para com aquela gente desconhecida. Era o sentimento do sofrimento que comungava os mais simples. Às vezes, alguma mulher com a desculpa de cortar a grama nos campos próximos, aproveitando a distração, real ou não, das sentinelas, jogava um pedaço de pão além do alambrado. Mesmo que fosse como lançar uma gota no oceano, aquele gesto confraternizava aqueles seres pendurados no alambrado, com os outros detidos. Infringia a separação imposta²⁰.

A nova presença encontrada no campo dos anarquistas (e de alguns comunistas vindos de Istria e da Venezia Giulia) somada àquela de um outro grupo de anti-fascistas italianos e eslovenos recém-chegados do confinamento na ilha de Ústica e a resoluta atitude destes, de oposição para com os abusos perpetrados pelo pessoal de vigilância, criaram, em alguns casos, uma relativa melhora nas condições de vida, particularmente na disciplina que, de qualquer modo, permanecia humanamente insustentável. Para os anarquistas, trazidos da Espanha na maioria, tornava-se impossível ajoelhar-se frente às regras ferrenhas impostas pelos carabineiros e seus subordinados, que ainda manifestavam simpatia pelo fascismo; estes

últimos contra-atacarão as atitudes de insubmissão dos recém-chegados com ódio profundo contra os compatriotas detidos. Já desde algumas semanas atrás, a manutenção da ordem pública no campo tinha sido objeto de um detalhado relatório por parte do comando. Deste relatório emerge forte dose de preconceito contra as várias categorias de internados – especialmente contra os primeiros italianos recém-chegados de Ústica – tidos como “*agentes comunistas*” que, tendo renegado a pátria, poderiam se constituir em perigoso elemento de união para com os elementos de tendência “pan-eslava russa” já presentes em Renicci. Contra a turbulência dos recém-chegados não haverá hesitação nenhuma em recorrer aos meios repressivos e aos corretivos mais decididos como as cacetadas, o acorrentamento no mastro, a camisa de força ou a transferência para o Instituto Neuropsiquiátrico de Arezzo. “[...] *Irei reprimir rigorosamente qualquer atividade manifesta. Inclusive com os meios mais extremos*”: havia prometido o coronel comandante do campo de concentração “badogliano”²¹. Mas, da parte dos prisioneiros, permanece insuportável a idéia de que, mesmo com a queda do fascismo, os antifascistas tenham ainda de permanecer reclusos.

O rádio – escreve de Renicci um dos internados²² - comunicou repetidamente que todos os confinados políticos estão livres em conformidade com o Estatuto do reino que garante para todo cidadão italiano a liberdade individual (art. 21). De fato, seria natural que todos aqueles que foram exilados políticos, confinados, ou encarcerados por anti-fascismo, fossem finalmente libertados. Mas não é assim [...] Ao todo eu cumpri onze anos de reclusão e nove de confinamento. Não quero descrever aqui todo o sofrimento ao longo desse triste período de minha vida; quero somente afirmar com orgulho que jamais me verguei e que sempre tive a coragem de dizer, em qualquer lugar, as minhas idéias libertárias e antifascistas, e que, se realmente o regime fascista caiu, tenho o direito de ser imediatamente libertado, reconduzido à minha família e à minha organização operária.

Enquanto isso, a burocracia do ministério segue seu curso lentamente. Da direção geral da Segurança Pública sai um primeiro rol de 36 prisioneiros a serem libertados com a advertência de “*que se está examinando a posição de todos os internados políticos de Renicci e que assim que for possível serão comunicados os elencos daqueles a serem libertados e daqueles a serem retidos*”²³. Não haverá, porém, tempo suficiente para isso e os acontecimentos políticos que se sucederam levaram os destinatários desses procedimentos a tomarem soluções um pouco diferentes. Em 8 de setembro os prisioneiros pedem armas para se oporem à ocupação alemã e durante todo o dia seguem organizando comícios em diferentes setores. As outras requisições formuladas tocam à: restituição dos objetos pessoais que foram sequestrados, o recebimento de um rádio, assumir o controle do campo, recusa a submeter-se às obrigações do comando. “*Os anarquistas dependurados no alambrado do lado dos eslavos [são] os mais inflamados*”. Surge, portanto, a imediata exigência de restabelecer a ordem perturbada pelos prisioneiros. O capelão militar – Antonio Zett, de Istria – está entre os primeiros a atirar com a pistola para o alto em advertência contra os mais turbulentos. O

coronel comandante Pistone, o segundo-comandante tenente coronel Fiorenzuola, e o vice-tenente Panzachi *“fascista de Bolonha”*, irritados também com os cantos subversivos entoados em coro pelos reclusos, não hesitaram em dar ordem de atirar sobre a multidão e de posicionar as metralhadoras. Seguiu-se uma descarga de tiros de fuzil. Caem feridos três eslavos (não sabemos os nomes) e Carlo Aldeghieri²⁴, de Verona, (atingido no mesmo braço onde fora ferido na Espanha), todos presos como promotores da revolta junto a Arturo Messinese, Marcello Bianconi e Alfonso Failla, (contra este último foi ainda desferido por um carabineiro um golpe de baioneta na cabeça). A dinâmica dos fatos vem assim laconicamente “telegrafada” ao Ministério do Interior: “[...] *cerca de 400 confinados revoltaram-se cantando o hino da revolução russa. A ordem de voltar aos dormitórios foi rechaçada e o comandante ordenou fogo que feriu não gravemente quatro internados restabelecendo a ordem*”.

Para dobrar a vontade dos revoltosos o comando do campo ameaçava, e em parte cumpria, com o corte da magra ração diária do rancho. A prefeitura de Arezzo houve por bem aproveitar a oportunidade, para não alimentar ainda mais o grave clima de tensão que se abateu sobre o campo de concentração, não criar obstáculo a uma eventual fuga de prisioneiros, desde que ela fosse tentada por parte dos internados italianos, ou ainda “consentir” com um êxodo programado e controlado. Ou seja, havia o objetivo evidente de separar os destinos futuros das diferentes categorias de prisioneiros. A possibilidade de evasão em massa de Renicci, com os alemães chegando às suas portas, foi aberta, portanto, com o episódio da rebelião²⁵.

A FUGA E A RESISTÊNCIA

Inicia-se, assim, a fase de dismantelamento progressivo da estrutura dos campos de concentração, em um clima de medo, com grande confusão e expectativa, seja por parte dos prisioneiros seja daquela do pessoal de vigilância, nessa altura mais do que desmotivado.

[...] Nos dias seguintes – testemunhará Failla²⁶ – alguns anarquistas italianos, evadidos do campo de Renicci junto a albaneses e iugoslavos, constituíram os primeiros grupos de partigianos a fazerem operações nas montanhas entre as regiões da Toscana e Marche. Outros seguiram diferentes direções [...] um oficial do comando de Renicci di Anghiari tinha consignado uns quarenta homens de nosso grupo para sermos conduzidos à Prefeitura de Arezzo. [...] Devido às nossas insistências, alcançada a localidade de San Firenze, poucos quilômetros antes de Arezzo nos fizeram descer do caminhão e, chamando separadamente a mim e a Mario Perelli, nos consignou a relação de nomes de nosso grupo dizendo-nos – Vocês são responsáveis por esses homens! – Portanto, fez o caminhão dar meia volta e retornou com os soldados ao campo. Era o tenente Rouep, florentino, vinha dos Alpes. Eu e Perelli queimamos a relação. Aquele grupo de companheiros se dissolveu e cada um seguiu sua própria direção por todas as estradas que nos lembram os vivos e os mortos, a presença deles na verdadeira história da luta pela liberdade [...].

Começa assim no campo de concentração uma saída no varejo. Em 11 de setembro um outro grupo de uma dezena de italianos, entre os quais o anarquista de Trieste, Umberto Tomasini, foi arregimentado e escoltado pelos carabinieri, e desta vez levado até a Delegacia de Polícia de Arezzo. Chegando lá, também devido à grande confusão causada pela chegada quase que simultânea das tropas alemãs, não obtendo a folha de soltura e os documentos “necessários” prometidos, o grupo se dispersa e cada um toma o caminho, não tão fácil, para retornar para casa. Em Florença, aonde alguns foragidos chegaram de trem a salvo no dia seguinte, os ex-internos ficaram apreensivos com o boato sobre o possível resgate de Mussolini do Gran Sasso, que seria feito pelos fascistas, e por pouco não são novamente presos, desta vez pelos alemães que haviam ocupado a estação²⁷.

No entanto, entre os milhares de eslavos e as poucas dezenas de internados italianos que permaneceram em Renicci amadurece a idéia de organizarem uma fuga em massa. O projeto toma imediatamente corpo na tarde de 14 de setembro quando, de improviso, aparecem três carros blindados alemães na porta do campo. Os oficiais, que também tinham, poucas horas antes, exortado os subalternos a manterem a calma e a manter a qualquer custo seu posto, foram os primeiros a abandonarem Renicci. O medo de serem deportados para a Alemanha que se espalhava naqueles dias entre os prisioneiros torna-se de fato real e tangível. Os alemães haviam prometido que retornariam em duas horas. À fuga dos oficiais segue-se aquela dos soldados e, portanto, uma vez criados os precedentes, houve *“todo um rio de gente entre os cinco mil internados que verte em todas as direções”*, causando muita impressão entre os camponeses que habitavam nas vizinhanças. Alguém, antes de fugir, pensou em incendiar todos os documentos existentes no arquivo do escritório de comando. Longas filas de prisioneiros esfomeados e maltrapilhos se encaminham em direção aos montes Apeninos seguindo, pelo menos essa era a intenção deles, a rota do Adriático para o regresso à Iugoslávia. *“Ao cair da tarde – anota don Giglioni em seu diário²⁸ - o campo ficou deserto”*. Sobraria ainda um pequeno grupo que será deportado diretamente pelos alemães no mês seguinte e alguns doentes graves logo transportados ao hospital de Sansepolcro. Daqueles fugitivos anteriores, setecentos eslovenos serão capturados nas proximidades de Bolonha e mandados para os lager na Alemanha; outros tantos se ajuntarão às formações partigianas na região de Marche e de Romagna, pouquíssimos conseguirão alcançar a Eslovênia. A estrutura prisional de Renicci foi atacada nos dias seguintes por saqueadores em busca de armas, de cobertas e de indumentária militar. Na agência de correios de Anghiari se acumulava, há semanas, uma variada correspondência e pacotes, provavelmente de gêneros alimentícios e de uso pessoal, vindos dos territórios iugoslavos das províncias de Ljubliana e da Dalmácia,

dirigidos aos prisioneiros e que seguramente não foram nunca consignados aos legítimos destinatários. Na verdade, mesmo durante a vigência do campo, o dinheiro e os pacotes que chegavam vinham sistematicamente abertos e os responsáveis pela vigilância já haviam fugido com o caixa, cerca de 700.000 liras²⁹.

O ex-campo de concentração “n.º 97” terá ainda um uso limitado sob a República de Saló, em particular para a internação dos pais dos desertores da chamada às armas ou para acolher grupos de auxílio às fugas³⁰.

Nos dias que se seguiram à grande fuga do campo de Renicci, o Comitê Provincial de Concentração Antifascista logo dispôs de medidas para o acolhimento e a sistematização dos ex-internados que permaneceram nessa zona. Recolhidos em sua maioria junto às famílias de camponeses, ou nos refúgios dos carvoeiros perdidos no território do município de Caprese Michelangelo, esses homens aguardavam o seu eventual recrutamento nos núcleos partigianos em formação nos relevos montanhosos em torno da sede do município e nos vales que integram a província de Arezzo, especialmente entre o Casentino e o vale do Tibre. Aqui os fugitivos agregaram-se à formação autônoma “Tifone” (a futura “Tani-Zuddas”), comandada pelo ex-brigadeiro dos carabinieri Giovanni Zuddas, às “Bandas Externas” de Eduino Francini e à assim dita “Banda Autônoma do Russo” (essa formada toda por estrangeiros entre os quais até alemães desertores), participando ativamente da guerrilha antifascista e muitos perdendo a própria vida. Entre os caídos, o mais conhecido é o jovem estudante comunista Drusan Bordon de Ljubliana. Em março de 1944 será justamente o “Pelotão Eslavos” (depois incorporado na XXIIIª. brigada garibaldina “Pio Borri”) que assaltou e desarmou o quartel dos carabinieri junto ao campo de Renicci e o quartel da Guarda Nacional, a GNR de Caprese Michelangelo. O presídio dos velhos “camisas negras” será reconstruído pelos novos fascistas e efetuará contínuos rastreamentos nos Montes Rognosi à procura dos ex-internos³¹.

O elo fundamental de contato entre os eslavos evadidos e as formações partigianas que operavam na zona foi feito pelo anarquista Beppone Livi, de Anghiari, combatente nas “Tani-Zuddas” e na “Banda Autônoma do Russo”. Personagem da primeira fila da resistência em Arezzo, e que se constituiu – junto ao mons. Nilo Conti – no principal ponto de referência da Resistência no vale do Tibre. Ele foi o responsável, junto à sua esposa Angiola Crociani, da guarnição de roupas e alimentos para os trezentos eslavos armados que se encontravam escondidos na zona, nos castanhais de Ponte alla Piera e de Pieve Santo Stefano. “Único” e “Iconoclasta” eram as palavras de senha de que se serviam os ex-internos para esse tipo de contato com a Resistência. Durante um tempo, Livi desempenhará também funções de ligação

com o Comitê de Libertação Nacional, o CLN toscano em Florença, especialmente com os elementos ligados ao Partido de Ação, e concluirá a chamada “missão Morris” desmascarando a atividade de um espião infiltrado nas fileiras da Resistência. Na capital toscana manteve contato também com Lato Latini, tipógrafo do jornal clandestino anarquista “Umanità Nova”. Livi trabalhava em estreita colaboração com Sante Tani, futuro mártir da Resistência em Arezzo. Capturado pela famigerada GNR, sairá do cárcere “graças” a um bombardeio, escapando assim da provável deportação para a Alemanha. A Resistência no vale do Tibre é caracterizada também pela presença libertária assim como se verificará, se bem que em modo ainda mais relevante, também no vale do Arno onde o movimento anarquista tinha uma representação em nível de CLN local³².

Também para os setenta anarquistas que ainda permaneciam reclusos em Renicci havia sido aberta a fase, decisiva tanto quanto angustiante, da luta armada de massa contra o fascismo. O pensamento deles volta-se para as decepções sofridas na Espanha. Para eles, o objetivo permanece, de qualquer modo, aquele de criar as condições para a realização dos ambiciosos programas políticos e socialistas estabelecidos em Ventotene. Alguns desses ex-internos serão encontrados entre os combatentes das formações autônomas anarquistas que operavam nas suas cidades de origem, onde se uniram aos outros companheiros que já estavam se organizando: em Turim, Milão, Pavia, Gênova, Carrara, Pistoia, Florença. Perelli e Failla são somente dois exemplos nesse sentido. Outros nomes saídos de Renicci realizaram operações em diversas localidades – e inclusive com importantes encargos (como no caso de Emilio Canzi, comandante da XIIIª. zona do Corpo de Voluntários da Liberdade) entre os “garibaldinos” e os “Matteotti”; ao mesmo tempo, se estabelecerão estreitas relações com os membros do Partido de Ação em determinadas regiões da Itália. Alguns visitarão novamente os campos de concentração, deportados que foram para a Alemanha e dessa feita sem volta. Haverá ainda muitos caídos nos confrontos da guerra de libertação, nos tiroteios travados com os nazi-fascistas nas montanhas, e muitas ainda serão as vítimas da repressão posta em obra pelos Aliados contra os setores mais revolucionários do movimento partigiano.

¹ JAKSETICH, G. *Testimonianza*, p. 41-3, inédito depositado com o Instituto Regional para a História do Movimento de Libertação no Friuli e Venezia Giulia, Trieste.

² O documento de 15/07/1943 leva o título: *Le forze del FN.*. Cfr. SPRIANO, P. *Storia del Partito Comunista Italiano*, vol. IV, *La fine del fascismo. Dalla riscossa operaia alla lotta armata*. Turim, 1978, p. 249-50.

³ O resumo desse congresso – datado até 1942 – encontra-se em *Umanità Nova*, Roma, 07/01/1945. Para o texto da ordem do dia aprovada, também, FEDELI, U. “Il movimento anarchico in Italia nel secondo dopoguerra”, in *Almanacco Socialista 1962*, Milão, 1962, p. 473-4.

⁴ ARCHIVIO CENTRALE DELLO STATO (ACS), Ministério do Interior, Direção Geral de Segurança Pública, Divisão de Negócios Gerais e Reservados (PS), 1943, busta nº. 27, C2.

⁵ *Ibidem*, telegramas nas datas de 30/07 e 05/08/1943, da Direção Colônia Ventotene ao Ministério do Interior Gabinete de Segurança Pública, Roma. Assim, depois o telegrama 18122 de 28/07/1943: “[...] Informo que

confinados políticos e internos não escondem impaciência em saber procedimentos [...] Por ora eles se contêm nos limites mais rigorosos da disciplina [...] tendo este comando feito conhecer que não seria tolerado nenhum ato de rebelião. Atendo precisas urgentíssimas instruções [...] Guida.”

⁶ *Un trentennio di attività anarchica (1914-1945)*, Cesena 1953, p. 109.

⁷ SECCHIA, P. *Il Partito Comunista Italiano e la guerra di liberazione*. Milano, 1975, p. 63 e ss.

⁸ Circular do Ministério do Interior n.º. 49216 e 49386/441, de 14 e 15/08/1943, in ACS, *op. cit.*

⁹ A petição, assinada “Internados confinados minorias esloveno-croatas”, foi endereçada ao chefe de Estado na data 14/08/1943, *ibidem*.

¹⁰ *Ibidem* para o fichário ministerial Roma-Ventotene e para a carta de Pertini. Sobre as intervenções das várias personalidades da esquerda a favor da libertação dos anarquistas, cfr. *Umanità Nova*, s.l. (Florença) n.º. 349, de 29/10/1944, “I partiti fondamentali”.

¹¹ Telegrama 49082/451 de 12/08/1943 para a Régia Prefeitura de Arezzo. Encontra-se no Museo e Biblioteca della Resistenza Sansepolcro, cartella “Renicci – Iugoslávia” (doravante MBRS).

¹² *L’Unità*, n.º. 15 de 07/09/1943, “Compagni che ritornano”

¹³ *Umanità Nova*, s.l. (Florença) n.º. 343 de 10/09/1943, “Libertà ai condannati e ai confinati politici vittime del fascismo”.

¹⁴ *L’Agitazione del Sud*, Palermo, n.º. 9/1966.

¹⁵ *Ibidem* (depoimento Failla); MBRS, Relatório de Polícia de Roma, 29/08/1943, n.º. 069866; e ZAMBONELLI, A. *Vita, battaglia e morte di Enrico Zambonini (1893-1944)*, Reggio Emilia, 1981.

¹⁶ GHINI, C. e DAL PONT, A. *Gli antifascisti al confino*. Ed. Riuniti, Roma, 1971, p. 174; e MBRS, Relatório da Prefeitura de Arezzo de 31/10/1942, n.º. 010144.

¹⁷ Nas atas do MBRS resulta (O. GORETTI, 27/03/1995): “[...] por ocasião da retirada dos restos mortais mantidos no Sacrário Iugoslavo existente no nosso Cemitério Municipal [de Sansepolcro] (que recolheu os restos dos caídos iugoslavos na Itália Centro Setentrional) encontramos as seguintes proveniências para os corpos transferidos: Anghiari (cemitérios de Anghiari e Micciano) 106., Arezzo 13, Castiglion Fiorentino 16, Sansepolcro 22; em Subbiano não teria havido óbitos; assim o total seria de 157”.

¹⁸ MBRS: Ministério da Guerra/Gabinete (cópia), União das Comunidades israelitas italianas – Delegacia de assistência aos imigrantes, Gênova, 03/05/1943; Relatório de Polícia de Arezzo, 17/07/1943 n.º. 8906; e Instituto Histórico Militar da Armada Iugoslava, Arquivo das formações militares adversárias, Nota Regimental 30/11-i/F, K.316/F.

¹⁹ *Actes et documents du Saint-Siège relatifs à la seconde guerre mondiale*, vol. 9, *Le Saint Siège et les victimes de la guerre. Janvier – Décembre 1943*, Libreria Editrice Vaticana 1975, doc. 51, carta do padre Tacchi Venturi ao cardeal Maglione de 13/02/1943 (reproduzida in MBRS). Extratos do Diário de Don Giuliano Gigliani em apêndice a SACCHETTI, G. “Renicci: un campo di concentramento per slavi ed anarchici”, in TOGNARINI, I. (org.), *op. cit.*

²⁰ BARTOLOMEI, G. *I sentieri della guerra. Zibaldone di voci, di impressioni e di notizie sulla guerra in Valtiberina e dintorni*, ITEA Editrice, Anghiari 1994, p. 49. Para outros depoimentos sobre as condições de vida dos internados, cfr. SACCHETTI, G., *op. cit.* O levantamento topográfico e fotográfico feito na época sobre o campo encontra-se em MBRS e publicado in TOGNARINI, I. (org.). *La guerra di liberazione in provincia di Arezzo 1943 / 44. Immagini e documenti*. Arezzo. 1987, p. 48.

²¹ MBRS, Campo de concentração internados civis / Comando Geral. *Relazione sulla condotta e sulle manifestazioni degli internati in occasione della caduta del regime fascista*, 05/08/1943.

²² Trata-se de Giovanni Domaschi, deportado em 1944 para a Alemanha de onde nunca mais voltou. A carta datada “Renicci, 08/09/1943” endereçada ao *Corriere della Sera*, foi publicada em *L’Adunata dei Refrattari*, Nova Iorque, 04/09/1948, e reproduzida in BIANCONI, P. *Gli anarchici nella lotta contro il fascismo*. Edizione Archivio Famiglia Berneri, Pistoia, 1988, p. 191-5.

²³ ACS, PS, Casellario Politico Centrale (CPC), busta n.º. 5246 – fascículo Turcino {vich} Nicolò di Giuseppe, *Appunto per il Dott. Tagliavia*, 31/08/1943, n.º. 5751/Cas.

²⁴ No fim da década de 1940 Aldeghieri emigrará ao Brasil e se estabelecerá na cidade de Santos, de onde irá juntar-se ao movimento anarquista paulista pelo menos até o golpe de estado de 1964. (n. do tradutor)

²⁵ Telegrama n.º. 22200 de 10/09/1943 de Borgo Sansepolcro dirigido ao Ministério do Interior, in MBRS; STANE, N. *Testimonianza*, in MBRS; BUKOVAC, L. *Bili so uporni* (Foram rebeldes), Partizanska knjiga, Ljubliana, 1983 (reproduzida in MBRS); *Umanità Nova*, s.l. (Florença) n.º. 345 de 24/09/1944, “Un episodio al tempo di Badoglio”; BARTOLOMEI, G. *op. cit.*, p.72-5; e o testemunho de Failla em *L’Agitazione del Sud*, *op. cit.*

²⁶ *L’Agitazione del Sud*, *op. cit.*

²⁷ JAKSETICH, G. *op. cit.*; e VENZA, C. (org.), *Umberto Tommasini / L’anarchico triestino*. Ed. Antistato. Milão, 1984, p. 433-5.

²⁸ Apêndice in SACCHETTI, G., *op. cit.* A fuga do campo é eficazmente descrita por BARTOLOMEI, G., *op. cit.*, p. 75 e ss.

²⁹ MBRS, Ministério das Comunicações. Direção Geral de Correios e Telégrafos, telegrama 816.990-Gme=711 de 05/10/1943; STANE, N. *op. cit.* e Instituto Histórico Militar da Armada Iugoslava, *op. cit.*

³⁰ BARTOLOMEI, G. *op. cit.*, p. 89.

³¹ CURINA, A. *Fuochi sui monti dell'Appennino toscano* (apresentação de G. SALVEMINI), Badiali AREZZO, 1957. A República de Saló consistiu-se em um governo de continuidade em relação ao fascismo após a queda de Mussolini. Foi estabelecida no centro-norte da Itália em comum acordo com as forças de ocupação alemã. Esse governo durou até o fim da guerra na Itália e foi continuamente atacado pela guerrilha partigiana operando nas montanhas dos Apeninos até a chegada das tropas aliadas que, vindas do sul da península em direção do norte, foram progressivamente libertando a Itália da ocupação nazi-fascista ainda no ano de 1944 (n. do tradutor).

³² *Ibidem.* Sobre o combatente partigiano Giuseppe Livi (1899-1972), vendedor ambulante em Anghiari, anarquista fichado desde a década de 1920 pelos seus contatos com Errico Malatesta, muitas vezes encarcerado durante o período fascista, ver: ACS, PS, CPC, busta nº. 2800; SACCHETTI, G. “Giuseppe Livi, partigiano ou espião?”, in *Corriere Aretino*, 23/06/1987; *Dizionario Biografico degli Anarchici Italiani*, BFS, 2004, *ad nomen*. Sobre ele, BARTOLOMEI, G. *op. cit.* escreveu: “os comunistas pegavam no pé dele usando palavras venenosas”. Em 1948 faliu a tentativa de fazê-lo passar por um ex-espião da OVRA, Organização de Vigilância e Repressão ao Anti-fascismo. Sobre a qualidade de Livi, atestam vários novos documentos do CPLN, Comando Partigiano de Libertação Nacional, que foram encontrados recentemente. Os fatos da Resistência em Arezzo são ainda narrados de modo orgânico no volume de DROANDI, E. *Arezzo distrutta 1943-44*. Calosci editore. Cortona, 1995.